

MARCADORES DE IDENTIDADE E MEMÓRIA QUILOMBOLA A PARTIR DA ARTE DE BALBINO

Osvaldo Martins de Oliveira

Doutor em Antropologia Social pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre em Antropologia pela Universidade Federal Fluminense. Professor no Departamento e no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade Federal do Espírito Santo.

Integrante do Comitê Quilombos da Associação Brasileira de Antropologia (ABA) e coordenador adjunto do Núcleo de Estudos Afro-Brasileiros da UFES

Resumo: Para o presente artigo, parto de entrevistas e diálogos realizados com o artista plástico Thiago Balbino, que é neto e bisneto de quilombolas e de mestres de saberes tradicionais do território do Sapê do Norte, no estado do Espírito Santo, e que se define como preto e quilombola. O objetivo do artigo é analisar trabalhos do artista sobre memórias e práticas culturais das comunidades quilombolas, em especial aquelas relacionadas ao Baile de Congos de São Benedito de Conceição da Barra, que é mais conhecido como Ticumbi de São Benedito. Os trabalhos artísticos analisados foram encontrados em ilustrações de livros, em pinturas na casa onde morava o mestre Tertolino Balbino (na memória) e que era o avô do artista, em painéis pintados nos muros das ruas da mesma cidade e em uma exposição organizada pelo mesmo artista em 2021.

Palavras-chave: Arte cultura; memória; identidade; quilombo.

Abstract: For this article, I draw on interviews and dialogues with the artist Thiago Balbino, who is the grandson and great-grandson of quilombolas and master of traditional knowledge from the territory of Sapê do Norte, in the state of Espírito Santo, and who defines himself as black and quilombola. The objective of the article is to analyze the artist's works on memories and cultural practices of quilombola communities, especially those related to the Baile de Congos de São Benedito de Conceição da Barra, which is better known as Ticumbi de São Benedito. The artistic works analyzed were found in book illustrations, in paintings in the house where the master Tertolino Balbino lived (in memory) and who was the artist's grandfather, in panels painted on the walls of the streets of the same city and in an exhibition organized by the same artist in 2021.

Keywords: Art culture; memory; identity; quilombo.

INTRODUÇÃO

Além de analisar os trabalhos do artista, o artigo estabelece diálogos com educadores e lideranças que têm interesse nos temas de personagens de memória¹, que se tornaram referências significativas nas práticas e saberes socioculturais e ambientais transmitidos entre diferentes gerações nos territórios quilombolas e que são retratadas pelo artista. Em sua organização, o artigo apresenta uma definição do Baile de Congos e em seguida, descreve e analisa os trabalhos do artista, a partir de algumas fontes elencadas como ilustrações de dois livros, obras expostas na casa de seus avós e pinturas em muros da cidade.

As reflexões contidas neste artigo têm como ponto de partida os dados coletados pelo projeto de pesquisa que coordeno, desde 2018, denominado Africanidades Transatlânticas. Esses dados foram obtidos por meio de pesquisa de campo em comunidades quilombolas e em suas festas em Conceição da Barra e em livros referências bibliográficas, como Oliveira (2009) e Schiffler, Balbino e Nascimento (2018). Nesses livros se encontram ilustrações criadas por Thiago Balbino, que analisarei neste artigo.

Desde então, o projeto Africanidades Transatlânticas tem estudado as trajetórias dos principais integrantes dos bailes de congos de São Benedito de Conceição da Barra, do Bongado e de Itaúnas, descrevendo as formas de fazer e transmitir a memória e o patrimônio cultural nas relações entre as celebrações festivas, o calendário produtivo, a cultura culinária e os saberes dos mestres dos bailes. Sobre os saberes e memórias dos mestres desses bailes de congos, foram produzidos alguns trabalhos acadêmicos que resultaram do projeto de pesquisa supracitado, como Oliveira e Oliveira (2022), Oliveira e Carneiro (2022), Oliveira e Oliveira (2021), entre outros.

Analiso alguns dados obtidos a partir deste projeto, entre eles fotografias, escaneamentos e downloads feitos de obras de Thiago Balbino, algumas das quais se encontram nos livros dos autores acima referidos, nas paredes da casa de seus avós paternos em Conceição da Barra, em pinturas nos muros da cidade e na página do artista no Facebook.

Thiago Balbino é um jovem negro/quilombola, que conheci em 2008, filho de Sônia Penha Rodrigues, uma militante de movimento negro formada em dois cursos universitários (Serviço Social e Psicologia) e de um

¹ A uma explicação acerca da concepção de personagem de memória está no final desta introdução.

quilombola nascido no meio rural do município de Conceição da Barra, Antônio Balbino (falecido em 01/05/1985). Thiago foi criado e educado pela mãe e se formou em Artes Plásticas pela UFES. Seu avô paterno, Tertolino Balbino, falecido em 2022, foi o mestre do Baile dos Congos de São Benedito de Conceição da Barra, que é um baile formado exclusivamente por pretos-quilombolas. Desde 2018 esse Baile é liderado pelo mestre Berto Florentino, pertencente à comunidade quilombola São Domingos. Embora tenha crescido no contexto urbano da região metropolitana da Grande Vitória (ES), Thiago Balbino, incentivado por sua mãe desde a infância, sempre manteve os laços de pertencimento com as famílias e culturas quilombolas de Conceição da Barra. Por isso, é possível afirmar que é mais um caso de quilombolas que tiveram acesso aos conhecimentos proporcionados pelos cursos universitários e que empregam seus conhecimentos para defender os direitos das comunidades quilombolas previstos na Constituição Federal de 1988, como o direito à diferença cultural, à identidade, à memória e ao patrimônio cultural dessas comunidades. Para conhecer alguns outros trabalhos acadêmicos sobre trajetórias de quilombolas em cursos universitários e que se engajaram na defesa dos direitos de suas comunidades é interessante acessar os trabalhos de Oliveira (2018), Alves (2020), Oliveira, Trindade e Alves (2022) e Dealdina (2020).

Para uma breve explicação acerca das concepções de memória e personagens de memória, cabe dizer que todas as vezes que empregar os termos memórias em disputa, memória oficial, memórias subterrâneas, memória herdada, “pessoas, personagens de memória” e lugares de memória, estou usando segundo as definições de Pollak (1992; 1989). Entre os elementos constitutivos da memória estão lugares, datas, acontecimentos e “pessoas, personagens”. Segundo Pollak (1992), a expressão “pessoas, personagens de memória” se refere àquelas pessoas que foram significativas e representativas para as lembranças de determinados grupos sociais e que são lembradas e narradas com frequência pelos integrantes desses grupos relacionados a certos acontecimentos do passado. Esses acontecimentos são de dois tipos: 1º) aqueles acontecimentos vividos pessoalmente e que a pessoa narra porque testemunhou; 2º) aqueles acontecimentos e personagens que foram narrados pela memória coletiva, que Pollak chama de acontecimentos e memórias vividas por tabela ou memórias herdadas, porque os integrantes da coletividade que constroem o sentimento de pertencimento narram aquelas memórias narradas e herdadas das gerações anteriores, pois a pessoa se sente pertencente à coletividade e às suas memórias. Empreguei ainda do referido autor, em contrapelo da memória

histórica oficial, a concepção de memórias subterrâneas, que sempre vêm à superfície em momentos oportunos, principalmente quando estão em risco os direitos das minorias sociais, como aos territórios e o direito à própria memória.

O BAILE DE CONGOS DE SÃO BENEDITO

Antes de entrar na análise dos trabalhos artísticos, cabe uma breve explicação sobre o Baile de Congos de São Benedito, visto que no município de Conceição da Barra existem quatro grupos, que realizam suas festas todos os anos entre 30 de dezembro e 20 de janeiro. Esse artigo se restringe ao baile que realiza sua festa principal na cidade de Conceição da Barra e que é formado exclusivamente por integrantes de comunidades quilombolas. O baile é uma homenagem a São Benedito e acontece, segundo dizem seus mestres, há mais de 200 anos, sendo considerada por seus integrantes uma tradição cultural que seus ancestrais trouxeram da África e que foi recriado pelos quilombolas dos meios rurais e urbanos daquele município. Ele é um ritual composto de danças, cantos e discursos poéticos, acompanhados aos sons de violas e pandeiros, sendo formado por 19 personagens, a saber: o mestre (líder), congos, reis, secretários, violeiro e porta-estandarte. Na data da festa propriamente dita, no primeiro dia do ano, todos os integrantes do baile vestem calça, camisa de manga longa e sobre esta uma bata (todas essas peças em cor branca) e portam capacetes enfeitados com flores e fitas coloridas na cabeça. Sobre as roupas brancas cruzam em seus ombros e peitos fitas coloridas, como uma espécie de proteção. Os secretários e/ou embaixadores dos reis, que na guerra vão para as frentes de batalhas, além de portarem espadas e mantos de chita colorida, levam sobre suas cabeças capacetes confeccionados em forma de animais terrestres e aquáticos, como peixes e dragões.

O baile representa a “guerra” entre dois reis africanos, o rei de Congo e o rei de Bamba, e seus respectivos secretários ou embaixadores. A guerra acontece porque o primeiro rei, convertido ao catolicismo colonial português, proíbe o rei de Bamba e seus seguidores a realizarem a festa de São Benedito, classificando este rei como pagão. Os congos, como são denominados os integrantes do baile, também são definidos como soldados pagãos. Ritualisticamente, a festa termina com a vitória do rei de Congo, que batiza, à força, o rei de Bamba e os seus soldados pagãos, como ocorria com os africanos escravizados ao serem deportados e desembarcados no Brasil. No entanto, o rei de Bamba revida em seus discursos, afirmado que ele só foi batizado por estar em desvantagem e fora de suas terras, caso contrário,

o rei de Congo não lhe batizaria. No ritual e nas situações sociais vivenciadas pelos quilombolas desta região, são Benedito – chamado de “filho de Zambi” – é uma divindade africana que rompe as fronteiras impostas pelos colonizadores cristãos entre batizados e pagãos, estando presente nas narrativas (sobretudo cantigas) e ritos de matrizes africanas como quem garante que as preces dos classificados como pagãos pelos poderes dos cristãos serão atendidas.

CULTURAS QUILOMBOLAS DO SAPÊ DO NORTE

O primeiro trabalho analisado e que foi ilustrado por Thiago Balbino e o livro “Culturas Quilombolas do Sapê do Norte” (Oliveira, 2009). São as ilustrações desse livro que analiso no próximo parágrafo.

Em suas ilustrações, o referido artista desenhou os seguintes personagens e símbolos relacionados ao Baile de Congos: a) um desenho que colocamos na capa do livro representando todos os congos do baile; b) o capacete enfeitado com flores que os congos (soldados) usam em suas cabeças; c) o mestre do baile, então Tertolino Balbino, que era o gestor das práticas culturais do grupo e que, na ilustração, foi retratado em uma posição contemplativa, visto que, na visão deste mestre, o Ticumbi é um ato religioso em devoção a são Benedito; d) o estandarte e o porta estandarte de são Benedito, que no baile, já foi uma função desempenhada por Jonas Balbino e pelo próprio Thiago Balbino; e) o rei de Congo, que é um personagem de grande poder no baile e que é figurado por seu tio Jonas Balbino; f) o secretário do rei de Congo, que é o personagem desempenhado por Arquimino dos Santos, integrante da comunidade quilombola Córrego do Alexandre; g) o rei de Bamba, que nos últimos 20 anos tem sido representado por integrantes das famílias quilombolas herdeiros de Gonçalo Valentim dos Santos e Acelino dos Santos, foi ilustrado por Balbino para referenciar a presença dessas famílias no baile; h) depois de conversas com jovens, filhos e netos dos congos e festeiros/as de são Benedito, resolvemos criar um breve texto ilustrado por Balbino, denominado “identidade e memória”, onde o próprio artista se incluiu no texto e nas ilustrações, criando representações de si, do seu avô, e o avô paterno de seu pai, Manoel Jerônimo, bem como mencionou o avô de sua avó paterna, conhecido como Hilário, que liderava um baile em Conceição da Barra, e era proveniente do Quilombo do Angelim; i) por fim, naquela primeira década do século XXI, Balbino desenhou uma casa representando as moradias das famílias quilombolas no meio rural e relacionada às atividades produtivas dessas

famílias, pois ilustrou a colheita de mandioca e o processamento dos alimentos no pilão e, em seguida, criou o desenho de um cesto tecido em cipó cheio de beijus, simbolizando a produção da iguaria a partir da goma da mandioca com recheios de coco ralado e/ou amendoim e ao lado do cesto está um bule com café, que são alimentos frequentemente servidos aos congos nos ensaios do Ticumbi. Com a participação de Thiago Balbino na ilustração do livro, além da escrita retratar memórias e realidades culturais locais, seu trabalho proporcionou cor e visibilidade a tais realidades. A participação de um artista com lealdades étnicas às suas origens na produção da visibilidade dos agentes das práticas culturais locais retratados neste suplemento didático surtiu um efeito importante, pois estimulou a adoção - por professores, lideranças e mestres da cultura quilombola - de um material didático que um deles ajudou a produzir para leituras cotidianas e em suas reuniões de formação.

A CASA DO MESTRE E OS MUROS DA CIDADE COMO LÓCUS DE PESQUISA

De dezembro de 2018 a 01/01/2020, no desenvolvimento do projeto Africanidades Transatlânticas, a casa de Tertolino Balbino e Bárbara dos Santos (ambos na memória), avós de Thiago, na cidade de Conceição da Barra, também passou a ser um *lócus* da pesquisa. Ali, enquanto equipe do projeto, tivemos a oportunidade de entrevistar e dialogar por diversas vezes o mestre Tertolino no decorrer de nosso trabalho de campo, onde também observamos alguns dos trabalhos do artista expostos nas paredes da sala da casa. Solicitei a uma das integrantes de minha equipe de pesquisa que fotografasse dois desses trabalhos para que entrassem na análise da história dos herdeiros do mestre Tertolino.

No primeiro trabalho, destaco e analiso dois símbolos importantes na demarcação da identidade do artista e de seus parentes quilombolas, a saber: 1º) ele retrata um integrante do Baile de Congo, denominado porta-estandarte, vestindo-se com a indumentária característica do baile, isto é, sobre sua cabeça está um capacete enfeitado com flores coloridas, veste bata de mangas longas e fitas verdes e amarelas estão cruzadas sobre seu peito, e o mesmo congo segura com a mão direita o estandarte de São Benedito; 2º) neste estandarte, conforme pudemos verificar, está o santo preto com um menino nos braços que também é preto, contrastando com as ideologias eurocêntricas das obras de arte sacra sobre o santo, onde o menino que se encontra nos braços de São Benedito é extremamente branco. Uma outra relação importante a ser destacada neste primeiro trabalho em análise, é que ele representa uma posição no baile de congo que já foi ocupada pelo próprio

artista e por seu tio Jonas Balbino, estando, portanto, envolvida a afirmação da identidade quilombola do artista e de seus parentes.

No segundo trabalho de Balbino que se encontra em outra parede da sala de seus avós, observamos um dos congos, que representa seu avô, que está olhando para uma imagem/pintura de São Benedito, onde dois meninos se encontram nos braços do santo preto, sendo um muito branco e outro de cor preta. Esse desenho foi usado como a arte das camisetas que os integrantes do Ticumbi, assim como os devotos do santo que a adquirem por compra no grupo, usaram no Ensaio Geral na noite de 30 e no dia 31 de dezembro de 2009 e que estampava a mensagem “Ticumbi de São Benedito, Conceição da Barra - 2010”. Naquele ano, eu mesmo tive a oportunidade de adquirir uma camiseta com esta estampa. Conforme verifiquei na pesquisa, de 2009 a 2019, uma camiseta semelhante a essa tem sido produzida para ser usada pelos integrantes do grupo na noite e no dia acima referidos, como uniformização da indumentária do grupo (camiseta, calça marrom e boné). Cabe observar que as vestimentas rituais do primeiro dia do ano, conforme descrita acima, é toda em cor branca, com exceção das fitas coloridas dos congos e dos mantos dos reis e de seus respectivos secretários confeccionados em tecidos de chitas coloridas.

Essa e outras obras do artista podem ser analisadas segundo a abordagem antropológica dos processos relacionais e contextuais de formação das identidades dos grupos étnicos (Barth, 2000), nas quais se incluem os estudos de identidades dos quilombos. Essa é uma perspectiva diferenciada das abordagens das identidades, pois em uma perspectiva colonialista e doutrinadora presentes nas artes sacras eurocêntricas sobre São Benedito, o colonialismo artístico jamais pensou em ver um Cristo negro nos braços deste santo preto de origem etíope, optando sempre por um Cristo com características fenotípicas europeias.

O papel político do artista na demarcação do pertencimento étnico por meio da arte não parou nas ilustrações do referido livro e nem nas obras que decoram a sala de seus avós, pois em dezembro de 2015, quando fui festeiro de São Benedito, Thiago Balbino pintou alguns painéis nos muros da cidade de Conceição da Barra representando personagens da cultura afro-brasileira, em especial, do Baile de Congos. Como pude observar em dois desses painéis, dos quais se encontram fotos expostas também em seu perfil no Facebook, Balbino é um artista que demarca o pertencimento étnico de si, de seus parentes e das comunidades quilombolas por meio do conhecimento no campo das Artes Plásticas. São seus ancestrais africanos e os

descendentes desses ancestrais nos quilombos, nos quais ele próprio está incluído, que estão representados em seus magníficos trabalhos. Ele demonstra que os congos e quilombolas do Ticumbi fizeram e fazem história não só na região do norte do estado do Espírito Santo, mas em todo o estado, e transpõem as fronteiras estaduais e nacionais por meio de seus trabalhos. Para pensar o papel de Thiago Balbino enquanto um agente enredado neste processo social de construção da identidade, cabe lembrar que seus avós, Tertolino Balbino e Bárbara dos Santos, não esquecendo o papel educativo e político de sua mãe que na juventude foi militante do movimento de União e Consciência Negra na década de 1980, se tornaram referências fundamentais na dimensão emotiva da formação da sua identidade. Como bem teorizou Epstein (1978), os avós têm um papel fundamental na formação dessas identidades, e o então antropólogo constatou essa dimensão em sua pesquisa etnográfica no Congo, região da África Central. É bom sempre lembrar que o Baile de Congos de São Benedito de Conceição da Barra, retratado neste e em outros trabalhos de Balbino, constrói a narrativa de sua procedência, inclusive durante o ritual celebrativo do Baile de Congos, em que a terra de origem dos integrantes do baile, está no antigo Reino do Congo. O debate antropológico e sociológico acerca das lembranças sobre a terra de origem, enquanto um elemento demarcador no processo de construção da identidade de diferentes grupos étnicos, pode ser realizado encontrando fundamentos desde Weber (1920).

Figura 1. Congos de São Benedito. Painel pintado por Thiago Balbino em um muro na cidade de Conceição da Barra.



Fonte: Acervo do projeto Africanidades Transatlânticas. Foto realizada em julho de 2019.

Enquanto escrevia a primeira versão deste texto, dialoguei com Sonia Rodrigues, mãe do referido artista, e ao comentar a foto da pintura acima, que também se encontra no perfil de Thiago no Facebook, ela afirmou ser

oportuno o meu apontamento sobre o pertencimento identitário do artista, com o seguinte comentário:

Esses dias andei relembrando o ano dos festejos em que Thiago executou esse trabalho através da criação do Projeto Cores de Reis, foi rebolico de orgulho na família Ticumbi e de demais moradores. A apoteótica mudança do cortejo dos congos, incluindo um bailado de reverência diante desse painel, foi emocionante e reafirmativo de nossas existências!!!... “Nossos passos vêm de longe”! (Sônia Rodrigues. Relato pessoal, 21/08/2019).

No livro de Schiffler, Balbino e Nascimento (2018) estão dois desenhos ilustrativos de Thiago que tomo para a presente análise. Na primeira capa está o desenho de dois congos tocando os principais instrumentos do Ticumbi, os pandeiros. O desenho retrata também parte da indumentária dos congos, a saber: a) capacetes nas cabeças dos congos enfeitados com flores e fitas coloridas, cabendo observar que sobre a cabeça, antes de colocarem os capacetes, os congos colocam um lenço branco que fica preso entre o capacete e a cabeça; b) camisas de mangas longas e batas brancas; c) fitas na cores verde e vermelha cruzando os ombros e os peitos dos congos e, recentemente, essas fitas mudaram para as cores azul e vermelha; d) no punho do braço direito, cada congo traz presa uma toalha branca que é usada para secar o suor do rosto no decorrer do baile, principalmente quando realizam os cortejos para casas de festeiras/os sob sol escaldante.

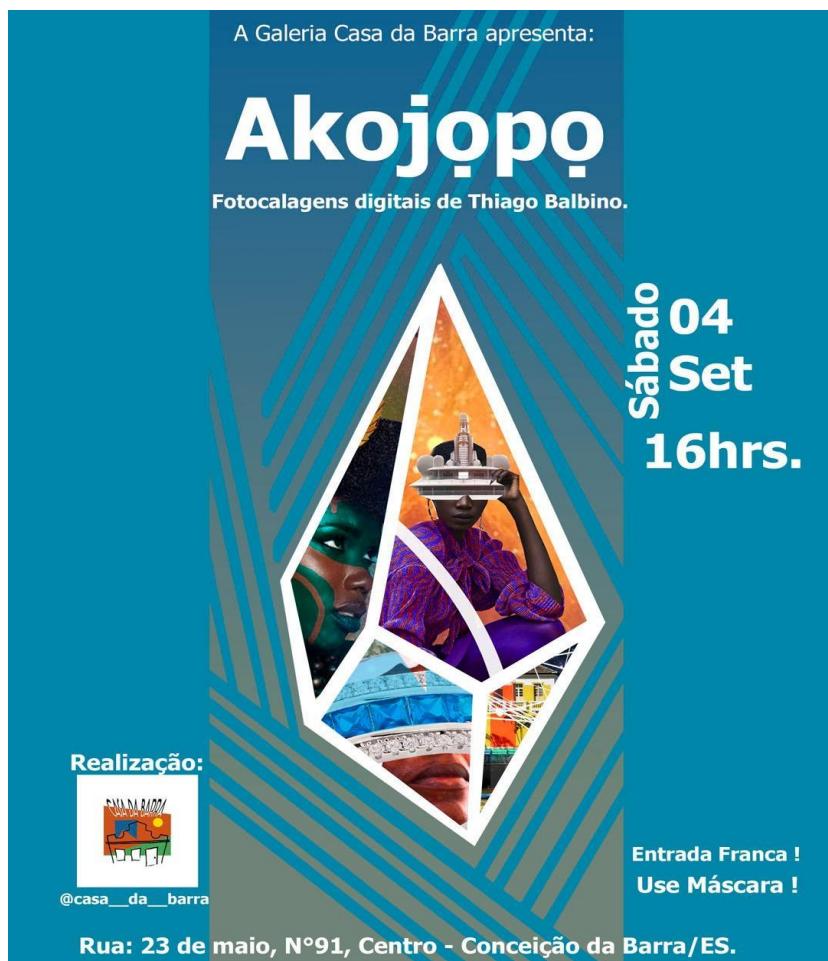
Na última capa do livro citado no parágrafo anterior está um desenho de Thiago que pode estar representando três conjuntos de cenários e personagens do baile dos congos, como segue: 1º) o barco ao fundo pode estar simbolizando a chegada dos barcos que, todos os anos em 31 de dezembro, vão até a comunidade de Barreiras, do outro lado do rio Cricaré, levando congos, jongueiros e outros devotos para buscar um santo que é conhecido como são Benedito das Piabas e trazê-lo, juntamente com seu grupo de jongo² guardião, para participar da festa de são Benedito padroeiro

² O jongo, conforme escreve Oliveira (2016), é uma prática cultural criada no Brasil, no século XIX, pelas capacidades poéticas e artísticas de africanos de origem bantu e por seus descendentes, que foram escravizados em fazendas de café na região Sudeste do país. No norte do Espírito Santo, os termos jongo, jangada e rodas de jongos se referem às cantigas entoadas nas festas e na “rodas de jongos”, onde o tambor é o principal instrumento tocado nessas celebrações e foram criadas pelas comunidades quilombolas sempre associada às festas de colheita, principalmente da colheita da mandioca e a produção da farinha, beijus e outros derivados dessa raiz. As “rodas de jongo” são realizadas por grupos que se reúnem,

no primeiro dia do ano, e que tem sua capela na cidade de Conceição da Barra; 2º) no desenho em destaque à frente, é possível interpretá-lo que trata-se do baile no primeiro dia do ano, pois verificamos todos os congos com as indumentárias de dia de festa, conforme já foi explicado, e o personagem em destaque é o mestre do baile que, no ano da criação do desenho, em 2018, era Tertolino Balbino e que estava passando a liderança para Berto Florentino, o que ocorreu em 29 de abril do referido ano; 3º) à frente dos congos podemos observar sobre um andor a grande imagem de São Benedito padroeiro, o que nos leva a concluir que trata-se mesmo do dia da apresentação do baile de congos, no primeiro dia do ano.

No decorrer da pesquisa, fotografamos ainda dois outros desenhos do mesmo autor sobre o Ticumbi, na cidade de Conceição da Barra. Além disso, mais dois outros desenhos relacionados ao mesmo tema foram encontrados na página do artista no Facebook, sendo um retratando o secretário do rei de Congo com seu capacete de cabeça de dragão; e outro é um congo com seu capacete enfeitado de flores, que foi criado para compor a programação do Teatro Carlos Gomes, em Vitória - ES.

liderados por mestres, para tocar instrumentos musicais (tambor, ganzá ou reco-reco), dançar e cantar de forma poética e desafiadora às diversas situações sociais vividas pelas comunidades. O jongo constitui uma celebração festiva antiga nos quilombos do Espírito Santo. Atualmente, no norte do estado, além dos grupos de jongo que estão na vila de Itaúna e na comunidade de pescadores de Barreiras, temos grupos de jongo nas seguintes comunidades quilombolas de Conceição da Barra: Santana Velha e Quilombo Novo, Linharinho, Porto Grande e Córrego do Alexandre. Em São Mateus temos jongo no bairro Sernamby, no quilombo São Cristóvão e Serraria e na comunidade de pescadores de Campo Grande. Por isso, os mestres de jongo e as lideranças quilombolas tomaram o jongo como um dos símbolos demarcadores da identidade quilombola. Na comunidade de pescadores de Barreiras, existe o grupo denominado Jongo de São Benedito das Piabas, que é o guardião da imagem conhecida como São Bendeditinho ou São Bino das Piabas, que, segundo relatam, pertencia ao líder quilombola Benedito Meia-Légua, conforme veremos adiante neste artigo. Por enquanto, cabe enfatizar que é esse grupo de jongos que é o guardião dessa imagem e que todos os anos o Baile de Congos de São Benedito de Conceição da Barra vai buscar na comunidade de Barreiras. Um resumo sobre a história desse grupo pode ser encontrado no trabalho de Rodrigues (2018).

AKOJOPÔ: ARTE, MEMÓRIA E IMAGINAÇÃO AFROFUTURISTA**Figura 2.** Card criado por Thiago Balbino para divulgar a mostra *Akajopo*, 2021.

Fonte: Fotocalagens digitais de Thiago Balbino

O trabalho de fotocolagem é um resgate do passado, como se pudesse copiar e colar elementos do passado que são elementos de resistência cultural e que garante a existência de um povo. A fotocolagem consiste em recortar e colar esses elementos que a gente agora no presente consegue fazer uma prospecção para que no futuro a gente viva bem. É como se a gente pegasse elementos do passado hoje, copiasse, colasse, juntasse e falasse: com a ideia que eu tenho hoje e se no futuro for assim, vai ser maneiro! Vou pegar essas ideias aqui do passado, juntar aqui agora, se a gente prospectar, se a gente especular isso para o futuro, vai ser um futuro interessante, que pode trazer uma

oportunidade de produção de bem viver coletivo. Também de relação do ser humano, natureza, tecnologia... tá ligado? É um tripé, mas que na verdade são vários, né? É a humanidade, a criação que a humanidade cria e a natureza, que o ser humano, querendo ou não, é fruto dela. Então seria natureza, humanidade e tecnologia. Então tem esses três elementos aí. Eu vou abordar isso através da linguagem da fotocolagem. Tá ligado? Então vai ter um texto lá maneiro, falando, puxando esses diálogos, essa conversa. Então vamos fazer um trabalho pedagógico, com a galera das escolas. Querendo ou não, isso aí é uma janela que abre, exatamente para a galera conhecer o passado, o presente e sonhar com o futuro. Então, você vai pegar elementos do passado para recortar e vai ver a história lá. Vai ver Benedito Meia-Légua, a história de Constância de Angola, a história de Zacimba Gaba, que são figuras pretas quilombolas da região que são heróis! E que a juventude de agora não conhece. Sacou? Tem muita gente lá (Conceição da Barra), que acha que pra você ser uma figura... Vamos dizer assim, pra se imaginar com superpoderes, né? Se imaginar atuante nessa ficção científica, você precisa ser parecido com o Capitão América. Quando vê um Pantera Negra no cinema, nos quadrinhos, a galera já pirou! Então, essa exposição, tem também esse objetivo de trazer esse imaginário com figuras pretas com superpoderes, com superpotências. Figuras pretas que trazem uma autoestima para a galera preta que assiste, que também está vendo. Isso é o que eu estou querendo instigar aí (Thiago Balbino. Relato pessoal, 23 setembro de 2021).

O card acima, que anunciou a exposição de diferentes peças de artes produzidas por Balbino, com abertura em 04 setembro de 2021, circulou em grupos de WhatsApp e em redes sociais nas quais o artista tem amigos e simpatizantes. A exposição ficou aberta ao público, gratuitamente, na Casa da Barra até 29 de novembro do mesmo ano. A Casa da Barra, de propriedade da psicóloga e assistente social Sônia Rodrigues e de seu filho Thiago Balbino, é um lugar construído na área antiga da cidade de Conceição da Barra, norte do estado do Espírito Santo, que é demarcado pela arte e cultura negra e quilombola produzida por Balbino, seus parceiros artistas e por quilombolas integrantes do Baile de Congos de São Benedito de Conceição da Barra. Trata-se também de um lugar de diálogos educativos sobre os conhecimentos produzidos acerca das comunidades e culturas quilombolas do Sapê do Norte, para o qual já foram convidadas diversas outras lideranças e educadoras/es para estimular e mediar tais diálogos, cabendo mencionar alguns/algumas como: Jonas Balbino, liderança e figurante de rei de Congo

no Baile de Congos de São Benedito de Conceição da Barra; Selma Dealdina, festeira de São Benedito, liderança quilombola e integrante da CONAQ (Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras e Quilombolas). Por isso, escrevo este texto a partir de diálogos e pretendo abrir outros canais estimuladores de diálogos com pessoas que observam, participam e interpretam práticas culturais de comunidades quilombolas e de artistas que se consideram parte delas, como é o caso de Balbino.

A reflexão na citação acima, da autoria de Balbino, é uma apresentação da sua exposição denominada *Akojopo*, que é um termo da língua iorubá que significa colagem. A concepção filosófica da arte africana e da arte da diáspora africana que tem inspirado os trabalhos de Balbino nas duas primeiras décadas do século XXI é a que ficou conhecida como afrofuturismo, que é uma filosofia que combina elementos de ficção científica e histórica. Trata-se de uma imaginação do futuro onde talvez seja possível uma relação de equilíbrio entre homem, natureza e máquina, algo ainda não possível no mundo capitalista, que sobrevive da predação dos recursos naturais. Por isso, o afrofuturismo se inspira em cosmologias não-ocidentais para criticar os dramas sociais atuais enfrentados por descendentes de africanos na diáspora, para reavaliar eventos históricos do passado e imaginar futuros a partir de experiências afro diaspóricas. Em um dos textos de Balbino, em um mural da Casa da Barra durante a exposição, estava escrito: *Akojopo* - “Um mix em fragmentos de imagens que apresentam uma especulação de um universo lúdico. Um lugar onde passado, presente e futuro pode se alinhar em equilíbrio” (Thiago Balbino, 2021).

O trabalho de fotocolagem, segundo o artista, é uma crítica das conexões entre homem, natureza e tecnologias, sobretudo tecnologias que produzem as artes visuais e imagéticas dos desenhos em quadrinhos e filmes da indústria cinematográfica norte-americana que produziram as figuras dos super-heróis. No entanto, em sua arte, Balbino está interessado também em estabelecer conexões com as cosmologias africanas e afro-diaspóricas e reconstruir, usando as novas tecnologias, a memória dos ancestrais dos quilombolas, que ele chama de “figuras pretas da região”. O termo preta/o é uma categoria de autodefinição étnica usado nas relações locais e translocais e empregado por integrantes de comunidades quilombolas do território denominado Sapê do Norte, como no nome de uma das localidades que pertence à comunidade São Domingos denominado “Córrego dos Pretos”. O termo região utilizado pelo artista diz respeito ao território do Sapê do

Norte, que está localizado nos municípios de Conceição da Barra e São Mateus, ambos situados no norte do estado do Espírito Santo.

Sua preocupação com as relações homem e natureza, também é um tema muito presente nas narrativas e memórias dos integrantes das comunidades quilombolas, pois até as décadas de 1960, as florestas de vegetação nativa, rios, córregos, lagoas e animais silvestres eram recursos naturais abundantes em seus territórios. Eram abundantes também os pescados (peixes e crustáceos) que sempre compuseram a dieta alimentar dos ancestrais do artista e de seus parentes na região. Toda essa riqueza socioambiental foi destruída pela chegada da indústria monocultural do cultivo dos eucaliptos e da cana para as produções de celulose e álcool, pois a floresta nativa foi destruída e os quilombolas que viviam em terras devolutas nessas florestas, foram expulsos de seus territórios. Atualmente é queixa permanente dos integrantes das comunidades, de que o paraíso do passado desapareceu, pois entendem que o cultivo em grande escala das monoculturas secou os rios, córregos e lagos, afetando de forma violenta os meios que garantiam a segurança hídrica e alimentar dessas comunidades.

A arte de Balbino encontra inspiração também em narrativas, saberes e tradições culturais de seus familiares. Em dezembro de 2018, entrevistei Tertolino Balbino, mestre do Baile de Congos de São Benedito de Conceição da Barra e avô paterno de Thiago. A obra do neto traduz saberes e memórias do avô, e isto também é uma das preocupações interpretativas e dialógicas deste texto. Na citada entrevista, Tertolino disse-me que o conjunto da festa de São Benedito, em que o ápice é o Baile de Congos, é uma homenagem ao santo preto, um compromisso com o santo e uma tradição antiga que ele recebeu de seu padrinho Luiz Hilário dos Santos (tio pelo lado paterno de Bárbara dos Santos, avó paterna de Thiago) que por sua vez havia herdado de Hilário (pai de Luiz e Theófilo Hilário dos Santos³), e que do jeito que ele havia encontrado, estava deixando para seu sucessor Berto Florentino (integrante da comunidade quilombola São Domingos), que a partir de então assumiu a liderança do referido baile. No entanto, o mestre afirmou que houveram mudanças, visto que no tempo de seu padrinho e quando ele

³ Theófilo Hilário dos Santos, filho de Hilário dos Santos, era o bisavô de Thiago. Theófilo, assim como seu pai, eram quilombolas da comunidade do Angelim, antigo território onde viveu o líder Benedito Meia-Légua. Não conseguimos encontrar dados se Luiz Hilário dos Santos teve filho do sexo masculino. O que sabemos é que ele passou a liderança do baile para seu afilhado Tertolino Balbino, que casou com sua sobrinha Bárbara dos Santos. O nome Balbino, segundo as narrativas de Tertolino, veio do nome de sua avó materna, Balbina do Rosário, que passou para sua mãe Deolinda Balbina e foi masculinizado para se tornar o seu segundo nome, Tertolino Balbino. Deste modo, o nome Balbino pelo qual Thiago assina suas obras de artes, percorreu uma longa trajetória.

assumiu a liderança, uma das partes da festa que consiste em um cortejo de barco pelo rio Cricaré, que vai até a comunidade de pescadores de Barreiras, do outro lado do rio, era realizado em pequenas canoas movida a remo manual. Na década de 1990 passaram a alugar barcos movidos a motores que transportam o santo, devotos do santo e integrantes do baile. Tertolino Balbino liderou o Baile de Congos por mais de 60 anos e veio a falecer em abril de 2022, aos 89 anos de idade.

PERSONAGENS DA MEMÓRIA DAS COMUNIDADES QUILOMBOLAS NA ARTE DE BALBINO

O São Bino (são Benedito) que os integrantes do Baile de Congos vão buscar todos os anos na comunidade de pescadores, segundo as narrativas dos quilombolas, pertenceu a um líder quilombola do passado que ficou conhecido como Benedito Meia-Légua. Esse personagem da memória quilombola é um dos heróis pretos retratado pela fotocolagem artística de Thiago Balbino. Da mesma forma, a fotocolagem e tradução retoma a memória de outras duas personagens quilombolas do passado, a saber: Zacimba Gaba e Constância de Angola. E o leitor deve estar se perguntando: quem foram esses/as personagens. Pois bem, escrevo um breve resumo sobre cada uma, começando, segundo o critério da antiguidade, por Zacimba Gaba.

Zacimba Gaba, segundo Aguiar (2001, p. 12-23), liderou o primeiro quilombo a existir no então município de São Mateus, ainda no século XVIII. Ela foi uma princesa e guerreira africana de Cabinda que, após envenenar seu senhor que a violentava sexualmente, fugiu com outros escravizados e formou um quilombo às margens do Riacho Doce (que delimita a divisa do Espírito Santo com a Bahia), na região de Itaúnas, atualmente pertencente ao município de Conceição da Barra. Os seguidores de Zacimba, armados com facões, tinham como estratégia atacar, à noite, as embarcações que traziam escravizados de Angola, que antes haviam passado por Porto Seguro (BA), para o porto de São Mateus, a fim de libertá-los, antes que fossem vendidos para os escravocratas da região. Assim teriam feito até por volta de 1710, quando então, num dos ataques à essas embarcações, Zacimba foi assassinada a tiros.

Ao que observo na região do Sapê do Norte, o nome de Zacimba navegou da memória oral à escrita nos livros de Aguiar (2001) e Miranda (2014), sem falar que ele perpassa por dissertações de mestrado, teses de doutorado e artigos acadêmicos das áreas de antropologia, geografia e história. Nessas primeiras décadas do século XXI, o nome de Zacimba se

expandiu e as lideranças quilombolas do estado do Espírito Santo criaram uma organização política denominada “Coordenação Estadual das Comunidade Quilombolas Zacimba Gaba”. Como se observa, a imortalidade de uma liderança quilombola do passado está associada às conexões entre oralidade e escrita e da consciência das lideranças políticas e culturais que imortalizam-a por meio da escrita, da arte e dos ritos celebrativos.

O segundo personagem referido por Thiago Balbino é Benedito Caravelas, que foi mitificado e imortalizado como **Benedito Meia-Légua**. Segundo Aguiar (2001, p. 219-229), esse líder quilombola do século XIX, a partir de 1820 teria atemorizado os grandes fazendeiros da região norte do Espírito Santo e sul da Bahia, pois vinculava a fé dos escravizados em São Benedito ao movimento de libertação. Ao mesmo tempo em que lutava nas fazendas para libertar os escravizados, enfrentava os capitães-do-mato na floresta densa do Sapê do Norte. Benedito teria deixado “um rastro de heroísmo, sangue, coragem, aventura e história, até sua morte, após a Abolição da escravatura” (Aguiar, 2001, p. 222). Conforme escreve Oliveira (2002), por ocasião da festa de Nossa Senhora de Santana em Conceição da Barra, em 27 de julho de 1884, as autoridades senhoriais comunicaram à polícia a necessidade de reforço, pois temiam o aparecimento de Bendito e seus liderados que poderiam aparecer para “perturbar a ordem” e aproveitar para fazer uma insurreição e dar o grito de liberdade. Por essa ocasião, circulavam boatos de que havia escravos fugidos de localidades de Conceição da Barra e da província da Bahia, em número de 20 a 30, arranchados nas matas da fazenda de José Rodrigues de Oliveira. Embora a polícia conseguisse prender 6 (seis) quilombolas nessa ocasião, não conseguiu capturar Benedito Meia-Légua e outros quilombolas que faziam parte do referido quilombo. Esses quilombolas continuaram nas matas sob a liderança de Benedito em lugares indeterminados e com frequência apareciam nas fazendas para libertar escravizados, embora fossem incessantemente perseguidos pela polícia e capitães-do-mato.

No ano de 1885, conforme escreve Aguiar (2001), Benedito Meia-Légua, com cerca de 80 anos de idade, foi assassinado covardemente nas matas do Quilombo Angelim (município de Conceição da Barra), onde vivia dentro do oco de uma árvore frondosa, em local de difícil acesso. As tropas da polícia, com o auxílio dos capitães-do-mato e de jagunços dos fazendeiros da região, montaram a tocaia e esperaram o velho Benedito Meia-Légua aparecer. Depois que ele entrou no oco da árvore caída sobre o solo e se recolheu para dormir, a polícia e os capitães-do-mato teriam tampado a entrada com troncos e atearam fogo, dando fim a vida do revolucionário quilombola.

Benedito Meia-Légua morreu queimado no seio da floresta onde escolheu fazer sua re-existência, a partir de onde surgiu a narrativa do revolucionário que andava com uma pequena imagem de são Benedito dentro de um embornal, para reviver na memória das lideranças e mestres quilombolas da atualidade. Relatam que essa imagem não foi consumida pelo fogo e quando um dos jagunços foi verificar se Benedito realmente havia morrido, encontrou a imagem em perfeito estado. Assustado com o que viu, tal jagunço, a mando de seu senhor, lançou a imagem de são Benedito em um rio denominado “Córrego Fundo”, também conhecido como “Córrego das Piabas”. Segundo o mestre Tertolino, em relato que me fez em 2008, Hilário dos Santos, pai de seu padrinho Luiz Hilário dos Santos, em um final de semana teria saído da localidade de Córrego do Angelim para namorar com sua futura esposa Marcolina, que morava entre as margens do “Córrego Fundo” e do rio Cricaré. Foi pescar no referido córrego e encontrou o “santo”. Ao seu amigo e pescador Cassimiro, que estava pescando no rio Cricaré, Hilário doou a imagem do santo. Tempos depois, os pretos parentes de Hilário pediram o santo de volta a Cassimiro e ele devolveu, mas o santo, misteriosamente, foi encontrado sobre uma pedra nas proximidades da casa de Cassimiro, sendo interpretado pelo pescador que o santo queria que ele fosse seu guardião. A partir de então, teria se iniciado o cortejo em canoas dos pretos-quilombolas, integrantes do Baile de Congos de São Benedito, duas vezes ao ano: a primeira em 31/12 para buscar o santo e seus guardiões na comunidade de pescadores de Barreiras (descendentes e herdeiros de Cassimiro) para participarem da festa do santo preto celebrada na cidade de Conceição da Barra; o segundo cortejo dos integrantes do Baile de Congos ocorre no segundo final de semana de janeiro para participar da festa organizada pelos herdeiros de Cassimiro na comunidade de Barreiras. Por isso, entendem que Benedito Meia-Légua continua vivo em suas memórias através da festa criada a partir de um símbolo sagrado do qual ele foi o seu guardião e era protegido por ele. No entanto, o nome de Benedito Meia-Légua permanece imortalizado não apenas na escrita e nos ritos celebrativos dedicado a são Benedito; ele vive no nome da Associação Quilombola Benedito Meia-Légua, da comunidade quilombola do Angelim.

Constância de Angola, ao que escreve Aguiar (2001, p. 61-73), viveu na região do vale do Cricaré na segunda metade do século XIX. Ela ficou na memória dos quilombolas devido ao fato de ter sido uma das mães negras que enfrentou senhores, sinhás e seus capazes que maltratavam e exterminavam as crianças filhas de mães escravizadas, afogando-as e queimando-as em grandes fornalhas de torrar farinha. Essas maldades

teriam acontecido após a Lei do Ventre Livre (de 28/09/1871), sob a lógica de que aquelas crianças atrapalhavam o trabalho das mães, visto que não seriam escravizadas no futuro. Outras crianças, para não atrapalhar os trabalhos das mães, teriam sido vendidas por senhores e senhoras para alguns fazendeiros que não acreditavam no cumprimento da Lei. Outras foram doadas pelas mães escravizadas para ex-escravizados/as alforriados/as e quilombolas para que pudessem continuar vivas, mesmo que distante das mães. Constância de Angola foi uma das mães que teve o seu filho queimado em uma fornalha pela senhora e esposa do Coronel Matheus Gomes da Cunha. Depois de prometer vingar assassinato do filho, Constância foi levada ao tronco e castigada por vários dias, mas fugiu e passou a viver entre os quilombolas nas matas do Sapê do Norte. Ela teria guerreado ao lado de Benedito Meia-Légua, Negro Rugério⁴ e outros quilombolas na defesa do quilombo, quando muitas vezes enfrentou a polícia e os capitães-do-mato. Com o passar do tempo, Constância teria levado um tiro na localidade de Água Boa e foi conduzida presa para a Cadeia Velha de São Mateus, de onde foi retirada por um grupo de quilombolas liderado por Viriato Cancão-de-Fogo. Depois de ser procurada por vários anos pelo capitão-do-mato Zé Diabo, o mesmo que lhe espancou quando ela ameaçou vingar a morte de seu filho, Constância, que também era muito hábil na capoeira, teria o enfrentado, apenas com uma faca, nas matas do Sapê do Norte. Nessa luta foi ferida por um tiro e ao mesmo tempo cortou a garganta do referido capitão-do-mato, resultando na morte de ambos. Constância, segundo Aguiar (2022), foi sepultada pelos quilombolas no “Cemitério dos Escravos”, na antiga fazenda do Cachoeiro, de propriedade do Barão dos Aymorés.

Constância de Angola, como o próprio nome simboliza a demarcação de procedência a um território de origem no continente africano, está viva na memória das comunidades quilombolas do Sapê do Norte como a heroína das mães pretas e quilombolas na diáspora africana que (re)existiram para criar e educar seus filhos e filhas, enquanto “Zé Diabo” e sua senhora passaram a ser representados como a encarnação do mal e da maldade das elites senhoriais. Essas narrativas da encarnação do mal pude ouvir nos anos 2008 e 2009, quando realizei trabalho de campo sobre memórias e referências culturais das comunidades quilombolas do Sapê do Norte, especial das lideranças e narradores/as de memória das comunidades quilombolas de Linharinho e Chiado. Uma determinada personagem da memória senhorial

⁴ Referências e narrativas sobre Rogério, que ficou conhecido como o Negro Rugério, líder do Quilombo de Santana, podem ser encontradas em Oliveira (2022, 2016, 2011 e 2002), Aguiar (2001), Ferreira (2009) e Martins (2000).

narrada por Aguiar (2001) como uma legítima representante das ideologias liberais no final do século XIX, inclusive negociando a compra de farinha do Quilombo de Santana liderado pelo Negro Rugério; nas narrativas dos quilombolas encarnou a maldade em seu próprio corpo a tal ponto que no dia de seu sepultamento foi preciso de um carro de boi para conseguir arrastar seu corpo até o cemitério. Em outra narrativa, os quilombolas afirmam que após a morte, essa sinhá se transformou em uma serpente gigante que conseguiu estourar o túmulo de alvenaria e fugiu descendo pelo rio Cricaré e foi para o mar. Conforme se observa, essas memórias estão em disputa, no sentido apresentado por Pollak (1992; 1989), não apenas entre memória oficial e memórias subterrâneas dos segmentos sociais desfavorecidos, mas também uma disputa pela reconstrução do passado, pois arranhar a imagem da sinhá Rita Cunha e de outras famílias que nomeiam monumentos, fundações, ruas e prédios públicos, inclusive na UFES, é arranhar a imagem dos herdeiros dessas elites senhoriais.

CONSIDERAÇÕES

Os trabalhos de Thiago Balbino representam as posições ocupadas no baile de congo por seus familiares e pelas comunidades quilombolas do Sapê do Norte, estando, portanto, envolvida a afirmação da identidade étnica do artista, de seus parentes e dessas comunidades. Seus fazeres artísticos representam o papel político do artista na demarcação do pertencimento étnico, pois demarca seu próprio pertencimento étnico por meio do conhecimento no campo das Artes Plásticas. São seus ancestrais africanos e os descendentes desses ancestrais, nos quais ele próprio está incluído, que estão representados em seus trabalhos. Demonstrar o protagonismo social, histórico e político de congos e quilombolas parece ser uma das preocupações de Balbino. Seus avós, ao narrarem às aventuras poéticas dos pais deles, se tornaram referências fundamentais na construção da dimensão emotiva da sua identidade étnica, bem como de sua ancestralidade africana, pois não deixaram de lembrá-lo que o Baile de Congos de São Benedito é uma prática cultural dos pretos proveniente do antigo reino do Congo.

Essas memórias, traduzidas e transmitidas por seus antepassados, portanto, memórias herdadas nos termos de Pollak (1992), estão entre os elementos inspiradores da imaginação artística de Balbino. No entanto, como demonstrei nas páginas anteriores, o seu trabalho está preocupado também em criar uma imaginação para o futuro, em que as inspirações são

as cosmologias africanas e afro-brasileiras, sobretudo na cultura das comunidades quilombolas, pois, inspirado no que escreveu Anderson (2008), imaginar comunidades é preciso.

Com sua arte, Balbino pretende inspirar a imaginação e a consciência em outros jovens pretos-quilombolas para o sentimento de pertencimento às comunidades reais e imaginadas do passado, presente e futuro, onde os personagens de memória e heróis de referência com superpoderes sejam principalmente “as figuras pretas”. Assim, o artista propõe contribuir para construir o heroísmo desses personagens quilombolas para fazer frente ao processo de massificação da cultura dos super-heróis norte-americanos. Para realizar uma arte da (re)existência a partir desses personagens, o conhecimento adquirido por Balbino torna-se um instrumento de combate ao racismo e à invisibilidade social de tais personagens pretas do passado e do presente, para construir, assim, as memórias e as comunidades pretas-quilombolas imaginadas do futuro. Comunidades que, inspiradas nos saberes de seus ancestrais na relação com os recursos naturais, não mais viverão em insegurança alimentar, mas construirão um mundo melhor para si e para aqueles que acreditam que manter uma relação equilibrada com esses recursos naturais é a alternativa inevitável para a vida de nossos descendentes no futuro.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, MACIEL. **OS ÚLTIMOS ZUMBIS**. RIO DE JANEIRO: BRASIL-CULTURAL, 2001.

ALVES, PAULA ARISTEU. **QUILOMBOLAS E TRAJETÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO: UM ESTUDO A PARTIR DE RETIRO, SANTA LEOPOLDINA-ES. 185F. DISSERTAÇÃO (MESTRADO EM CIÊNCIAS SOCIAIS)** - UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESPÍRITO SANTO, VITÓRIA, ES, 2020.

ANDERSON, BENEDICT. **COMUNIDADES IMAGINADAS**. SÃO PAULO, CIA DAS LETRAS, 2008.

BALBINO, THIAGO. **RELATO PESSOAL**. OBTIDO POR MEIO DE EQUIPAMENTO ELETRÔNICO. ESPÍRITO SANTO, EM 23 DE SETEMBRO DE 2021.

BARTH, FREDRIK. **O GURU, O INICIADOR E OUTRAS VARIAÇÕES ANTROPOLÓGICAS**. RJ: CONTRA CAPA, 2000. P. 25-67.

DEALDINA, SELMA DOS S. **MULHERES QUILOMBOLAS: TERRITÓRIOS DE EXISTÊNCIAS NEGRAS FEMININAS**. SÃO PAULO, SUELI CARNEIRO: JANDAÍRA, 2020.

EPSTEIN, LEONARD ARNOLD. **ETHOS AND IDENTITY – THREE STUDIES IN ETHNICITY.** LONDON/CHICAGO, 1978.

FERREIRA, SIMONE R. B. “**DONOS DO LUGAR**”: A TERRITORIALIDADE QUILOMBOLA DO SAPÊ DO NORTE – ES. 505 P. TESE (DOUTORADO EM GEOGRAFIA). PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA. UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE, NITERÓI-RJ, 2009.

MARTINS, ROBSON L. M. EM LOUVOR A “**SANT’ANNA**”: NOTAS SOBRE UM PLANO DE REVOLTA ESCRAVA EM SÃO MATHEUS, NORTE DO ESPÍRITO SANTO, BRASIL, EM 1884. **ESTUDOS AFRO- ASIÁTICOS**, RIO DE JANEIRO, N. 38, 2000. DISPONÍVEL EM [HTTPS://WWW.SCIENO.BR/J/EAA/A/9JHWVhQMPMQYL9GYXDGSTXM/?lang=pt](https://www.scielo.br/j/eaa/a/9JHWVhQMPMQYL9GYXDGSTXM/?lang=pt)

MIRANDA, NOÉLIA. **ZACIMBA GABA, A PRINCESA GUERREIRA: A HISTÓRIA QUE NÃO TE CONTARAM.** VITÓRIA - ES: GRÁFICA E EDITORA GSA, 2014.

OLIVEIRA, OSVALDO M. DE; OLIVEIRA, ROSA M. DE. BAILE DE CONGOS DE SÃO BENEDITO E SEUS MESTRES: TRADIÇÃO CULTURAL, MEMÓRIA E REEXISTÊNCIA. **SIMBIÓTICA**, V.9, N.2, P. 99-121, MAI.-AGO./2022. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://DOI.ORG/10.47456/SIMBITICA.V9I2.39247](https://doi.org/10.47456/SIMBITICA.V9I2.39247)

OLIVEIRA, OSVALDO MARTINS; CARNEIRO, LUCIANA C. BAILES DE CONGOS DE SÃO BENEDITO EM ITAÚNAS: MEMÓRIAS E SABERES DE MESTRES. **REVISTA DO ARQUIVO PÚBLICO DO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO**, V. 6, P. 21-37, 2022. DISPONÍVEL EM [HTTPS://PERIODICOS.UFES.BR/REVAPEES/ARTICLE/VIEW/42858](https://periodicos.ufes.br/revapees/article/view/42858)

OLIVEIRA, OSVALDO MARTINS; TRINDADE, L. R.; ALVES, P. A. **TRAJETÓRIAS DE ESCOLARIZAÇÃO DE NEGROS/AS E QUILOMBOLAS: ALGUMAS REFERÊNCIAS PARA DIVERSIFICAR OS CURRÍCULOS.** REVISTA E-CURRICULUM (PUC-SP), V. 20, P. 128-154, 2022. DISPONÍVEL EM [HTTPS://REVISTAS.PUCSP.BR/INDEX.PHP/CURRICULUM/ARTICLE/VIEW/54837](https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/view/54837)

OLIVEIRA, OSVALDO M. DE; OLIVEIRA, ROSA M. DE. “**COMUNIDADE QUILOMBOLA CÓRREGO DO ALEXANDRE – ES: TERRITÓRIO DE SABERES E TRADIÇÕES FESTIVAS**”. **GUARIMÃ: REVISTA DE ANTROPOLOGIA E POLÍTICA DO PPGCS, UEM**, V. 1, N. 2, PP. 42-61, 2021. DISPONÍVEL EM [HTTP://HTTPS://PPG.REVISTAS.UEMA.BR/INDEX.PHP/GUARIMA/ARTICLE/VIEW/2644/1890](https://ppg.revistas.uema.br/index.php/guarma/article/view/2644/1890)

OLIVEIRA, OSVALDO MARTINS DE. **MEMÓRIAS E CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO ESCOLAR: ANÁLISE A PARTIR DA TRAJETÓRIA DE UMA PROFESSORA QUILOMBOLA.** **REVISTA DE EDUCAÇÃO PÚBLICA.** EDUCAÇÃO, DIVERSIDADES CULTURAIS, SUJEITOS E SABERES, N. 65/2. CUIABÁ, V. 27. MAI./AGO. 2018. 573-590 P. DISPONÍVEL EM

[HTTPS://PERIODICOSCIENTIFICOS.UFMT.BR/OJS/INDEX.PHP/EDUCACAOPUBLICA/ARTICLE/VIEW/6884](https://periodicoscientificos.ufmt.br/ojs/index.php/EDUCACAOPUBLICA/article/view/6884)

OLIVEIRA, OSVALDO M. QUILOMBOS E DEMARCADORES DE IDENTIDADES: ANÁLISE SUCINTA DE TRÊS CASOS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO. **AMBIVALÊNCIAS**, VOL. 4, P. 10-41, 2016. [HTTP://WWW.SEER.UFS.BR/INDEX.PHP/AMBIVALENCIAS/ISSUE/VIEW/475](http://www.seer.ufs.br/index.php/AMBIVALENCIAS/ISSUE/VIEW/475)

OLIVEIRA, OSVALDO M. DE. COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO: CONFLITOS SOCIAIS, CONSCIÊNCIA ÉTNICA E PATRIMÔNIO CULTURAL. **RURIS**. REVISTA DO CENTRO DE ESTUDOS RURAIS, V. 5, N. 2, PP. 141-171, 2011. DISPONÍVEL EM [HTTPS://ECONTENTS.BC.UNICAMP.BR/INPEC/INDEX.PHP/RURIS/ARTICLE/VIEW/16852](https://econtents.bc.unicamp.br/inpec/index.php/ruris/article/view/16852)

OLIVEIRA, OSVALDO MARTINS DE. (ORGANIZADOR). **CULTURAS QUILOMBOLAS DO SAPÊ DO NORTE: FARINHA, BEIJU, REIS E BAILES DOS CONGOS**. VITÓRIA (ES): EDITORA GSA, 2009.

OLIVEIRA, OSVALDO MARTINS DE. QUILOMBO DO LAUDÊNCIO, MUNICÍPIO DE SÃO MATEUS (ES). IN: O'DWYER, ELIANE CANTARINO (ORG.). **QUILOMBOS: IDENTIDADE ÉTNICA E TERRITORIALIDADE**. RIO DE JANEIRO: FGV/ABA, 2002.

POLLAK, MICHAEL (1989), “MEMÓRIA, ESQUECIMENTO, SILÊNCIO”. **REVISTA ESTUDOS HISTÓRICOS**, RIO DE JANEIRO, V. 2, N. 3, PP. 3-15. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PERIODICOS.FGV.BR/REH/ARTICLE/VIEW/2278](https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/2278)

POLLAK, MICHAEL (1992), “MEMÓRIA E IDENTIDADE SOCIAL”. **REVISTA ESTUDOS HISTÓRICOS**, RIO DE JANEIRO, V. 5, N. 10, PP. 200-212. DISPONÍVEL EM: [HTTPS://PERIODICOS.FGV.BR/REH/ARTICLE/VIEW/1941](https://periodicos.fgv.br/reh/article/view/1941)

RODRIGUES, LUIZ HENRIQUE. O JONGO DE SÃO BENEDITO DA PIABAS DA COMUNIDADE DE BARREIRAS (CONCEIÇÃO DA BARRA). IN: GUIMARÃES, AISSA A.; OLIVEIRA, OSVALDO M. **JONGOS E CAXAMBUS: CULTURAS AFRO-BRASILEIRAS NO ESPÍRITO SANTO**. UFES-PROEX / IPHAN: VITÓRIA – ES, 2018. P. 323-329.

RODRIGUES, SÔNIA PENHA. **RELATO PESSOAL**. OBTIDO POR MEIO DE EQUIPAMENTO ELETRÔNICO. CONCEIÇÃO DA BARRA-ES, 21 DE AGOSTO DE 2019.

SCHIFFLER, MICHELE FREIRE; BALBINO, JONAS DOS SANTOS; NASCIMENTO, ALINE MEIRELES DO. **CULTURA POPULAR QUILOMBOLA: O BAILE DE CONGO DE SÃO BENEDITO DE CONCEIÇÃO DA BARRA – TICUMBI**. SÃO CARLOS-SP: RI^{MA} EDITORA, 2018.

WEBER, MAX. **RELAÇÕES COMUNITÁRIAS ÉTNICAS**. IN: WEBER, M. ECONOMIA E SOCIEDADE. 3. ED.